

Transcrição da Fita

Entrevista realizada em: 16/11/04

Entrevistado: Almir de Souza Cardoso

Entrevistadora: Carla de Medeiros Silva

Local: uma sala de aula do Colégio Franco-Brasileiro

Observações da transcrição:

O nome do entrevistado está identificado com a inicial de seu primeiro nome (**A**), e o nome da entrevistadora também (**C**). Ambas iniciais aparecem sempre em negrito para ressaltar quando entram as falas dos interlocutores.

Todos os trechos que estão entre colchetes, por exemplo: [...?], são dúvidas da transcrição.

Os trechos que estão entre parêntesis são momentos que eu intervi na fala do entrevistado, por exemplo: (**C** – ha-ha) ou (**C** – é...), ou que o entrevistado interviu na minha fala; ou momentos de risos.

Início da Entrevista

Carla – Então, pra começar Tio Almir, é...eu queria que você falasse um pouco...assim... sobre os seus pais, que lembrança que você têm dos seus pais...[**Almir** – Já foram embora há muito tempo...] e em que eles trabalhavam.

Almir – Já foram embora há muito tempo...é... meus pais já morreram há muito tempo, né. Meu pai, meu pai trabalhou em comércio, sempre trabalhou com negócio de comércio, né, de venda de alimentos. Minha mãe sempre foi dona de casa, nunca trabalhou não, tá. Então...é alimentos, né, é tipo uma mercearia, hoje em dia é supermercado né, antigamente era uma mercearia. Papai sempre viveu a vida dele...foi, nasceu na roça, né, [embora/ e mora?] aqui no Rio de Janeiro, nasceu na roça e sempre teve esse negócio de comércio. Num sei se lá no interior, é tem negócio de armazém, papai tinha uma loja que vendia tudo, comida, negócio de refrigerante, vendia tudo, né. É um comércio, né. Não deixava de ser um armazém, entendeu. E minha mãe sempre foi dona de casa; nunca trabalhou. E aí, que mais?

C – Você tem irmãos?

A – Eu tenho uma irmã e um irmão. Eu sou mais velho, né. É eu tenho um irmão que é professor, né; e tenho uma irmã que é de casa, né. Eu tenho um irmão mais novo que é professor.

C – É...bom, e você tem lembrança do tempo em que você estudou, na sua escola? Como era?

A - Tenho...tenho muito longe, muito longínquo, muito tempo, né...mais de 50 anos. Eu estudava e trabalhava né. Eu comecei a trabalhar numa repartição do governo, em 1955 com 16 anos de idade. Era boy, [staffeta?] trabalhei numa... Na época em aqui ainda era capital da república.

C – E aí como é que era esse seu trabalho?

A – Esse serviço eu trabalhava, entendeu, numa área que é sua, não sei se no futuro vai ser sua...Numa área de comunicação social, num órgão de imprensa da secretaria de agricultura. Antigamente...hoje é assessoria de comunicação social, né, hoje é a comunicação social, e eu trabalhava num serviço de divulgação. Eu era aquele cara que transportava as matérias, hoje é pauta, né, **C** – isso] entendeu. Ia entregar na rádio, aquelas rádios que tinha antigamente, todos os jornais do Rio de Janeiro, né, eu ia entregar. Uma espécie de um boy que entregava tudo. E dentro, lá dentro do, da minha repartição também, eu fazia...aprendi a trabalhar com mimeógrafo. Então, aquelas matérias que eram feitas, entende, aí passava num ['stencil?'] aí saía no mimeógrafo. Era eu que operava na máquina. E no final do expediente, eu ia, eu ia entregar esse noticiário na rádio, rádio Globo, rádio Nacional, que existia, jornal do Diário de Notícias, uma série de jornais... entregava isso. E isso era assim depois do horário de trabalho. Meu horário de largar era 17:30, 17:30, o chefe era cana-dura, e me mandava entregar isso. Então, [...?...]...chegava em casa às vezes meia-noite.

C – Caramba.

A – então era isso.

C – e aí você aprendeu a trabalhar...a mexer com o mimeógrafo lá...

A – Mimeógrafo. Aí eu fiquei mestre, né.

C – ...lá no trabalho..

A – Fiquei mestre, era eu que fazia aqueles negócios tudo. Tinha aquelas cooperativas agrícolas, do interior do Estado, até em Minas...Viçosa...né, aí tem aqueles negócios de cultura de hortigranjeiro, aquelas coisa toda, aí a gente fazia aquele negócio, envelopava aquilo, era eu, e rodava. Às vezes eu que ia grampear, aqueles trabalhos de 8, 10 folhas. Eu grampeava aquilo tudo, [..?] envelopava e mandava pelo correio também. Foi mil coisas que eu fazia. Vai.

C – e você gostava?

A – eu gostava, tanto é que eu gostava, que eu trabalhei nisso de 1955 até 196..à 98.

C – Ah! Até Recente...

A – É e o meu chefe na época era um jornalista que trabalhava no palácio Guanabara. E todos os caras que foram meus chefes, em área, nessa área de comunicação social, foi tudo jornalista. Todos eles, só trabalhei com jornalista só, entendeu?

C – Ah, legal.

A – Trabalhei com jornalista, inclusive aquele Capitão Asa, também...não sei se você já ouviu falar um tal de Capitão Asa? Ele era delegado de polícia, entendeu também foi, eu trabalhei com ele. Eu trabalhei com quem mais?...trabalhei com tanto jornalista aí...com Marco Reis, que foi um jornalista famoso, do repórter Esso, ele era meu chefe. Depois trabalhei com um tal de Zé Júlio, que também era jornalista da...trabalhava na...na Facha.

C – ha-ha.

A – O último chefe com que eu trabalhei [com jornalismo?] era o Elso, Elso Rocha, que também era da Facha também. Então, eu só trabalhei com pessoal de imprensa, tá.

C – e aí você ficou até 98?

A – é aí eu me aposentei, em 92, 92 eu me aposentei. Isso eu trabalhava na secretaria, eu trabalhava na Av. Rio Branco, ali, antigamente era o Senado, edifício [São Borja?]....era na Cinelândia. Depois ela mudou para Marechal Câmara, hoje onde tem a defensoria pública, [?] em 92 a secretaria de Agricultura mudou é pra...Niterói, na Alameda São Boaventura, tem um horto lá. Aí eu fiquei trabalhando lá, mesma coisa

até 98. Aí 98 eu cansei, cansei...aí só fiquei... trabalhava lá de manhã e vinha aqui pro Franco, entendeu.

C – Ah, tá. Aqui você pegava a tarde...

A – É, é, e trabalhei na época, trabalhei até com o ex-governador Garotinho. Ele foi secretário de Agricultura, eu trabalhava na Assessoria e fazia trabalho pra ele. E você sabe que depois do tempo todo d'eu ter feito isso, aí já foi mais pra frente...em 55, nos anos 70, eu comecei a fazer "clipping" dos jornais.

C – ah!

A – é, o nome mais comum é recorte né, mas a imprensa toda fala "clipping", né. E eu que lia aqueles jornais do Rio de Janeiro todinho, de São Paulo e de Minas. Diário de Minas, Diário de São Paulo, aqueles jornais todinhos. O estado de São Paulo, Folha de São Paulo. Eu lia aquele montão de jornais, eu fazia o recorte... prá montar e fazer o clipping, entende. Depois xerocava aquilo tudo como se fosse uma revista. Eu na época, modéstia a parte, disseram que eu era o rei do clipping, né, [sei que/se eles?] me davam um recorte de jornal assim sem marcar, eu sabia qual era o jornal, porque só de olhar o tipo de letra eu já conhecia qual era o jornal entendeu. Eu trabalhei muitos anos com isso, negócio de clipping de jornais, muitos anos, agora depois veio Internet, né...Mas eu fiz isso por toda a minha vida, eu fiz 30 anos trabalhando com isso. 'clipping' de jornais.

C – não imaginava...

A – Hein, muita coisa. Eu lia tudo que era jornal, sabe? Jornal todinho. E eu tinha um banco de dados...tinha um arquivo lá na repartição, então tá lá assim: sobre economia do Brasil, outro sobre política nacional, sobre política do Estado, sobre café, e...sobre agropecuária, tudo...sabia tudo. Entendeu? Trabalhando no meio de jornal...A melhor coisa do mundo é trabalhar com jornalista, né? Se eu fosse garoto, jovem, pudesse voltar no tempo, existisse, fosse numa época mais perto, pô... a melhor carreira que eu acho...a melhor carreira é jornalista, entendeu? Então, eu trabalhei, sempre meus chefes foram jornalistas, todos eles. Então eu adorava né. Até você aprende a falar, até o português, porque jornalista não admite um erro de português né?

C – é.

A – Aí se aprende. E apesar de eu não ter sido um cara que fez faculdade, nem segundo grau, mas eu aprendi muito com isso né. Estudando, aprendi através deles lá. Aí além de trabalhar lá, eu comecei aqui no Franco. Aí já entra o Franco ou não?

C – Pode entrar.

A – É, aí o Franco... quando eu comecei lá em 55, em 64 comecei a trabalhar aqui no Franco.

C – 64?

A – É 64 comecei aqui em 64, entende? Então comecei a trabalhar lá e aqui. Lá uma repartição...os jornalistas, né? Você aprende muito...né. Até você falar... Eu trabalhava em gabinete, eu que atendia as pessoas, às vezes autoridades que ia lá, era eu que fazia entendeu? Fazia aquele tipo de trabalho. Depois vim aqui pro Franco, vim pra um estabelecimento de ensino, pô, aí...é...aprendi muito sem precisar estudar, entendeu, foi isso.

C – ha-ha

A – e a vida da gente é uma vida difícil, de pobre, né, a gente luta muito, né. e aí?

C – é...atualmente você só trabalha aqui no Franco?

A – É, em 98, quando tava indo lá pra Niterói, é eu ia pra Niterói, então eu pegava de manhã lá, e tinha que largar 12:15 pra chegar aqui uma hora (13h). E pegar aquele atropelo da alameda São Boaventura, a ponte, né, aí começou o salário a cair lá, não compensava, não tava nem dando pra pagar as passagens...eu peguei e saí. Então tem 6 anos que eu sai de lá de Niterói, entende. Só tô trabalhando aqui no colégio.

C – Mas aí, você se aposentou nesse ano?

A – Eu me aposentei – (**C** – em 98?), eu sou aposentado do Estado – (**C** – ha, ha) – e sou aposentado aqui. No Estado me aposentei em 92, por tempo de casa; e aqui me aposentei em... 95 pelo INSS. Tenho duas aposentadorias que são...duas coisinha pequeninha, se juntá duas não dá uma, entende? (**C** – ha ha). Então sou aposentado.

C – É...aí agora eu queria que você falasse um pouco do seu dia-a-dia aqui como inspetor...como é que é.

A – O dia-a dia aqui é uma coisa que eu gosto, né. Que eu comecei a trabalhar aqui em 64, conforme eu te havia dito né...e eu não conhecia nada, um cara que trabalhava em repartição, [pública?] né, em gabinetes, atendendo autoridade, um monte de secretário, tudo...agora... atrás uns dez anos sei lá o Garotinho né foi, que é o...o...ex-governador, trabalhei com ele. Trabalhei com altas autoridades. Série, série de órgãos de abastecimento, aí, entendeu? Trabalhei com muita gente, entendeu? Então eu vim prá cá através de um professor, que era lá da...ele era relações públicas de onde eu trabalhava, e eu tava querendo outro bico, num, num tinha casado ainda, ia casar em 65, isso era meados de 63. Aí eu comecei a falar [com ele?]. Quando surgiu em 64, eu vim trabalhar aqui no Franco. Aí o professor [achou?], “pô” o cara dizia: “Não, o Almir é isso, o Almir se dá bem e tal não sei o que”. Nunca tinha visto criança, [mas tava precisando de trabalho, né?]. Aí comecei a trabalhar...Vou lhe dizer; o primeiro ano foi meio...né...fiquei meio assim...aí eu casei em 65, aí já passou certa necessidade né, aí comecei a trabalhar, trabalhar...aí comecei a agradar, gostar. Por aí que eu, pô, mil coisas aqui né? Comecei assim um cara muito...sou um cara muito brincalhão, mais, procurava mais diálogo, né, conversar com as, com os alunos, criança né, que eu peguei né, foi tudo criança aqui, de pequenininho até a quarta série é criança né. (**C** – é), entendeu. Então eu, sei lá, eu começava a conversar com eles, achava que, as época...o...a época era outra né, que antigamente quando vinha o inspetor: “Oh, lá vem o inspetor!”, tinha, todo mundo tinha medo, né. Aí passei a ser diálogo, conversar com os alunos, num sei por que cargas d’água aquilo foi entrando geração por geração, e todo mundo gostando de mim, um cara, assim, muito carinhoso com criança entende?, gostava de brincar, de fazer rima com as crianças, com os nomes né? Aquelas coisa toda, aí foi me dando, fazendo coisas aqui. Aí comecei a fazer o trabalho, trabalhar aqui, aí depois [...?] e eu continuava, o tempo tá passando, eu continuava. Aí, teve uma época aí de um rapaz que era diretor, que eu tinha que aprender mimeógrafo, aí eu falei: “Não, você me ensina.”, entende? Por que eu fiquei, tremi na base, eu cometi até uma, um erro, uma gafe ou mentira, não sei, é... dizer que eu não sabia, porque eu fiquei com medo. É uma escola, lá na repartição eu já tava acostumado com o tipo de máquina. (**C** – ha ha). Aí eu fiquei uma semana fazendo isso. Aí eu aprendi a rodar, aprendi não, eu já sabia né, eu tava inseguro, é, aí ele começou a falar, aí falou pra diretora: “Não o Almir já aprendeu a...Almir já aprendeu a...a usar mimeógrafo...Não, Almir aprendeu rapidinho.” Aí eu falei, [?]: “o Jorge” ele já tá até falecido “Jorge, eu sabia, eu sabia, é, trabalhar com mimeógrafo mas eu tava com vergonha” porque eu fiquei inseguro né? entende? “Ah não, tudo bem...” Aí pegou e falou com a diretora, aí

eu passei a fazer mimeógrafo aqui também, [as prova?] a prova do primário era [tudo eu/ eu?] que fazia. E o resto eu cuidava do dia-a-dia aqui, né. E cada vez as criança tava gostando de mim, mais carinho por mim, que eu não sei porque, de onde surgiu isso, né? tanto carinho, tanta coisa comigo, né? tanto...sei lá, tanto agrado. Então, eu fui seguindo...passa dez anos, vinte anos, e fui vendo a situação, e trinta anos, né. Quer dizer, eu precisando, como eu tô trabalhando eu agradeço adeus [que tô ?] precisando, mas fui nesse negócio, nesse vai-e-vem de trabalhar no Franco, né, e sair de lá...e nesse ínterim, assim por volta do ano de 1975, comecei a trabalhar a noite em outro colégio.

* **Aluno** - Oi Tio Almir! ¹ *

A – Eu trabalhava...eu trabalhava aqui, eu trabalhava em outro colégio, em 1975, ali na... rua Gago Coutinho. (**C** – ha ha, alto) Eu trabalhava em outro colégio. Saía daqui às seis e quinze, pegava seis e meia até [mais ou menos?] às onze horas da noite. (**C** – caramba!) Aí eu já morava, na...primeiro período eu morava em Campo Grande, aí quando eu casei depois dum tempo vim morar em...em...Madureira, aí depois voltei pra Santa Cruz e trabalhava aqui. Em 75 eu já tava em Madureira, eu trabalhava a noite também. Quer dizer, minha batalha é o seguinte, pegava às sete horas da manhã às onze da noite. Eu trabalhei dez anos num colégio na rua Gago Coutinho, até um colégio tradicional dali, chamava antigamente era Rui Barbosa, saiu grandes jogadores aí, profissionais, de seleção brasileira e tudo, entende? (**C** – Ah!) Foi, ali foi outro tipo de amizade que eu fiz com eles também, os caras eram meus amigos pra caramba. E a maioria que estudava era o pessoal do Flamengo, e do Fluminense que dormia na concentração, entende? De noite eles estudavam ali. Muitos se tornaram famosos, né, inclusive tem um hoje que...não é campeão do mundo, mas ele, ele é deputado federal lá em Volta...é...aqui no Rio de Janeiro, ele...ele é secretário de esportes, é, em...em Volta Redonda. É o Deley. (**C** – ha ha). Que eu conheci como Vanderley, né, que eu chamo, sabe, sempre chamei de Vanderley, né? Ah, então era meu amigo, eu já não vejo ele há muitos anos, nem sei se ele vai me conhecer. Então trabalhei nesse colégio, nesse colégio ali na Gago Coutinho, tu vê a batalha, de manhã...é...metade do dia e de noite. Aí dali, o colégio daí acabou, aí foi lá pra...prum colégio que tem na rua São Salvador. A rua São Salvador tinha um colégio ali, é um colégio...esqueci o nome do colégio! (**C** – Senador Correia?) Não, não é Senador Correia não,...é o...eu sei que tinha um colégio ali. (**C** – ha ha) Na, na, na rua São, são Salvador, trabalhava de noite. Depois esse colégio acabou, acabou e...São Marcos! colégio São Marcos na rua São Salvador, agora tem um prédio lá, lá, agora fizeram um prédio lá, entende? E esse colégio pertenceu à faculdade São Judas Tadeu, lá em...lá no Encantado, essa faculdade. Aí acabou o colégio todo, eles me indenizaram, fizeram tudo comigo né, onde fiz grandes amizades lá também, tá, que lá era o pessoal da noite, gente de vinte anos, de trinta, de quarenta, sessenta anos que estudava lá, entendeu? Então eu fiz amizade, eu sei que eu fiz uma amizade terrível, e depois decorrer do tempo muitos desses que estudavam lá nesse colégio, Rui Barbosa, São Judas Tadeu, têm filhos aqui no, no Franco-Brasileiro. (**C** – Ah, é?). Vieram estudar aqui. Tem alguns aí que tem filhos, tem até no..no ginásio parece, do primário eu não sei se tem não, mas no ginásio

¹ *Entra um aluno na sala e fala: “Oi Tio Almir” – Almir não interrompe o que estava falando e leva o dedo indicador a boca, para indicar ao aluno que tinha que fazer silêncio, em seguida aponta para o gravador. O aluno faz uma careta, assim como se estivesse fazendo uma travessura, e sai.*

pelo menos umas duas moças, que estudaram comigo lá, entendeu? Até uma funcionária daqui do colégio, de laboratório, é, ela fez um supletivo segundo grau lá, e hoje ela trabalha aqui, na época ela não trabalhava, entendeu? Então foi por aí afora. Foi indo passou vinte anos, trinta anos, e eu fiz quarenta agora em 2004.

C – E lá você trabalhava como inspetor também?

A – Como inspetor de aluno também.

C – Só que eram mais velhos...

A – é, só que lá, o colégio diziam que eu era...que eu era...era...era federal, porque achavam que eu era polícia, que o colégio de noite você tem outros envolvimento, né, entende? Você sabe que é uma barra pesada, você tem que levá eles no papo, [e coisa?], tinha outras coisa lá, que...nem quero mencionar, entendeu? Outro tipo de atividades que tinha lá dentro, os caras, geralmente os caras...sei lá, meio esquisito, envolvimento com negócio de drogas, né. [Então?], eles lá achavam que eu era isso. Mas aí eu consegui angariar amizade deles, lá dentro, eu conheci [mais?] um cara, que era um cara mais brabo que tinha lá dentro, que morava até num desses morro aí, e...através desse negócio de mensalidades, que ele não podia pagar no dia dez, atrasar o pagamento, e eu consegui junto ao diretor da escola adiar o pagamento, sem multa, entende? Aí os caras se tornaram meus amigos, aí acabou esse envolvimento de drogas lá no colégio [?] (**C** – caramba, baixinho), entendeu? Mas foi uma batalha insana, né?

C – Pode encostar aqui Tio Almir... (nessa hora, estava uma barulhada no corredor, e fiquei com medo que não saísse nada na gravação. Pedi então pro Almir, que estava ao lado da porta, encostá-la) Só porque eu tô preocupada de...não sair direito...

A – Ah, certo.

C – é...(ai...e agora – falei baixinho) e aí como é que a sua relação com os outros funcionários aqui da...do colégio?

A – não,..a relação é a melhor possível, né? a melhor possível, né, que a maioria dos funcionários que tem aqui, eu acho que o máximo [?] tem uma colega, não sei se é a Patrícia, que é desse grupo que tem aqui é a mais nova, é mais velha, que tem nove anos, né. Eu me relaciono bem, né, me dou muito bem com eles né, sou um cara que quero ajudar sempre né, tô sempre ajudando eles, né. Eu acho que, que todo mundo se dá bem comigo aqui né, mas...trabalho, sabe como é que é, né? Tem sempre, tem sempre alguém contra, né, ninguém...você encontra oposição em toda a sua vida, (**C** – é...) qualquer tipo de trabalho, né. Tem coisa boa e tem coisa ruim. Mas eu a princípio não tenho o que levar porque sou um cara que uso muito o coração aqui dentro, eu às vezes ajudo, às vezes pessoas que estão [de/nos?] serviços gerais aqui, tem um caso aqui dum rapaz, tem outros casos, mas vou citar o rapaz, que ele era dos serviços gerais, eu não vou dizer que eu contribuí para ele passar para inspetor de alunos, mas pelo menos 1 por cento, eu ajudei, ele passar...(C – ha ha), e eu não tô arrependido, porque o cara é um cara que...que tem classe, se comporta bem, e isso não tem nada a ver porque o cara só usa vassoura, né, ele inclusive tem segundo grau né, Então ele, ele, ele tá desenvolvendo bem o trabalho dele. Aí eu tenho [boa/minha?] relação, com as professoras então, nem se fala, né? As professoras são todas legais comigo, tem muito carinho comigo né? Muito mesmo né. Aqui deve ter uma aí, não sei...que é...eu peguei garotinha, uma professora de pré-escola, que é a Maria Eugênia, né, que eu vi pequenininha aqui né, eu peguei ela aluna pequenininha aqui, entende. Mas o relacionamento com as professoras, elas são muito carinhosas comigo. Muito, muito.

E...os alunos minha filha...é...exagero né? São muito puxa-saco é o tio Almir, é tio Mimi, né (C – É! Risos). Como é que eles chamam, né? Tio Mimi (risos)? Ah...porque...aí vem assim dizendo, Tio Mimi, eles não sabem, pessoal aqui, os colegas não sabem, [tem no máximo?] tem nove anos de casa, entendeu? Eu falei, chama tio Mimi porque a mãe chamava, ah, esse é o tio Mimi, tem uns 40 por cento, talvez..eu acho que 40, por cento dos alunos que tem atualmente aqui no Franco são filhos de ex-alunos, entende? Então ficou aquele negócio, é o tio Almir, tudo é o tio Almir aqui, ninguém dá um passo a frente sem perguntar por mim, ou falar comigo, entendeu? Então o carinho é grande, não só, é, nas séries que eu tomo conta, que atualmente o setor meu é de 4ª série e 2ª série, né, são sete turmas que eu tomo conta; mas depois vem recreio que envolve todo mundo, tem hora da entrada que envolve todo mundo, hora da saída, todo mundo, entendeu? Então, eu, eu, eu...tenho assim essa afinidade por causa das crianças, né. Cada vez que passa é mais...aí vez em quando, eu não mereço isso, mas todo dia eu tô agradecendo a Deus [?] um negócio desses, entendeu? De vez em quando aparece na internet, né, na internet também já apareceu, já viu na internet? Na internet aparece naquele “Orkut.com” (C – Ah!), na comunidade do Franco-Brasileiro? De vez em quando eu, um dia liguei lá em casa, pedi a minha neta, pedi pra minha neta, pra botá lá. Aí, ela boto lá na comunidade do Franco-Brasileiro, e viu lá: ô, Tio Mimi, tio Almir, Almir, é o cara, melhor do mundo... exagero, né, entendeu? (C – nada... - baixinho e rindo) e pessoas famosas, importantes que, pô, tem mó carinho comigo, me encontram aqui, vem aluno às vezes de vinte anos atrás sabe, eu...geralmente eu sei quem é, o cara chega “Fulano!”, às vezes eles ficam assim “Não é possível, você tem uma memória do [cão?]”, entendeu? Graças a Deus, entendeu? Eu posso não saber mais nada, né, entendeu, mas...é o que eu sei fazer é isso. Então, atualmente é o que eu sei fazer é lidar com, com aluno, se eles quiserem me mudar pra outra coisa eu acho que...eu não vou me dar bem não...entende? Enquanto, enquanto o colégio me aturar aqui, os alunos me aceitarem (risos meus), aqui eu vou indo. Não só juntar o útil ao agradável ,né, o útil porque vivo num ambiente excelente como é o Franco-Brasileiro e agradável porque é a minha sobrevivência aqui, né, também ajuda na sobre vivência, minha, né.

C – Claro. E...ao longo desse tempo todo, assim, você sente mudança no colégio...algumas coisas que mudaram?

A – ...não, mas...a gente sempre sente mudança, né...eu num, totalmente no Franco não, sabe...porque a Celuta permaneceu a diretora, né, alguns colegas na coordenação, Liliane, a coordenadora, então...então num mudou, [em si?] não mudou nada, eu não posso reclamar nada aqui, entendeu? Eles têm mó respeito comigo, mesmo aqueles que é...é...que fazem parte das outras unidades, né, que aqui pertence ao CEL, atualmente, né? Mesmo essas pessoas, que nunca ouviram falar em mim, eles vieram aqui. Quando eu completei 40 anos veio pessoas de [encarregado?] de patrimônio, chefe de patrimônio, vieram aqui me abraçar! entendeu? Isso é em função de algumas pessoas que são do CEL que trabalham aqui, tem um cara da cantina, que pertence ao CEL, e o encarregado de patrimônio aqui do colégio, entendeu? São pessoas que [?] o meu trabalho, e eles pegam, pô, puxa-saco meu, desculpe o termo né, eles ficam me elogiando. Então, então isso pra mim não teve mudança. Pelo contrário, eu acho que comigo aqui eu ando de cabeça erguida, todo mundo fala comigo, e...e agora esse ano me oficializaram como a, a pessoa que mostra o colégio. Quando alguém vem aqui pra querer inscrever o aluno, antes de inscrever, conhecer as

dependências.. sou eu que tive esse privilégio de chegar aqui, mostro o..o..como é... o espaço do colégio. entende? Quase que uma venda, né? Eu mostro o espaço, mostro tudo; levo em sala de aula, apresento professor, entendeu? (C – ha-ha). Eu faço isso tudo aqui. E eu sei que, modéstia a parte, quando o pessoal sai daqui, o pessoal fica satisfeito, né? pelo atendimento, né. Mas isso pra mim, quem me conhece, sabe como é que eu sou né? Aí vão na diretora, a diretora: “Poxa, seu funcionário é nota dez, e num sei o que, blá, blá blá.” Sempre exageram, né? (risos meus) Mas é isso.

C – E, nesses outros colégios que você trabalhou...(A – Hã?) era, era colégio público ou era...

A – Não, tudo particular. Era particular. Esses dois colégios que trabalhei, é Rui Barbosa, entendeu? Rui Barbosa era um colégio famoso que tinha aqui na Gago Coutinho, tá. Grandes atletas aí saíram dali, viu.

C – é...(fico muda um tempão)² e...bom, acho que agora pra terminar, assim... (A – Hã?) Você, você... eu queria que você falasse um pouco sobre a sua família hoje, com que você mora...

A – Eu moro, eu moro com minha mulher, sou casado com ela desde 65, [C – ha-ha] já se passaram 39 anos e a gente tá lá, eu e ela. E temos duas companhias em casa, tinha três, né. São os netos, três netos que eu tenho. O menino que tem 10 tá com a mãe, a mãe separou né, então ficou com o menino. E eu vivo lá na minha casa, eu, minha mulher, e uma neta chamada Evelin, que tem 17 anos, né, já tá fazendo coisa, fazê um vestibular, né, ela fez ontem na UFRJ, ontem, até, domingo, né...E tem a outra que é Elen que vai fazer 13 anos agora em dezembro, é vizinha minha de aniversário, é que eu sou de 20 de dezembro e ela é de 16. Então são as duas que a gente cuida. E minha mulher...é dinâmica, é terrível, né, trabalha muito...ela sempre trabalhou em casa, mas com negócio de...ela, ela quando jovem até casar, ela foi é..é de uma família muito pobre, sabe? Pobre, pai complicado, negócio de bebida, bebia muito e tudo, e ela que ajudava os irmãos, as irmãs e tudo. E ela trabalha[va?] em banco, ela..ela..entende muito negócio de finanças, sabe? Ela sabe fazer negócio de, de caixas; já trabalhou em banco, essas coisa toda. E a gente vendia negócio de roupas do Ceará, entendeu? A gente tomava conta de um grupo de japoneses, que mora lá em.. no, no Ceará, tem fábrica lá em Fortaleza, lá em Fortaleza? É em Fortaleza, numa fábrica de roupas lá que exporta pra outros lugares. E minha mulher é representante aqui no Rio de Janeiro, né. Agora nem tanto, porque ela teve um AVC a coisa de...de uns dois anos, que ela teve né, é igual a um derrame, né, que ela teve, né, ela, a memória dela, ela é inteligente igual a mim, ela lembra de tudo, sabe? É...parece até que a gente combinou junto, até pegá um jornal lá em casa, eu quando pegava na repartição prá lê jornal, eu pego de trás pra frente pra lê jornal, entende? Eu sou um cara que gosto de futebol, pra caramba, futebol era a última coisa que eu lia. Eu começava de trás pra frente, geralmente, é, o futebol é na última página, os esportes, mas eu pegava no meio, de economia, e vinha pra trás, fazia isso tudo, entende, prá ler jornal. E ela também fazia a mesma coisa. Depois de muitos anos que fui descobri que ela lia jornal de trás pra frente. Até hoje eu leio jornal de trás pra frente. Então ela teve esse, esse problema, né, e...vive em casa e cuida das meninas, né, no dia-a-dia, as meninas pra escola, tem reunião na, no colégio, que as duas meninas estudam no GPI, né, é minha mulher que vai lá, vai pra reunião, vê negócio de roupa pra elas, vai fazer compras, isso e aquilo,

² – estava dando uma olhada no questionário, que eu tinha meio que abandonado

entende? (C – ha-ha). Não que os pais não ajudam, os pais ajudam, né, mas, o...a pesada é em casa, a barra pesada é em casa, né? (C – é). A gente é...o dia-a-dia das meninas, então elas são ótimas, as duas netas que eu tenho, uma de 17 a outra faz 13 o mês que vem. E o menino também, no fim de semana ele vai lá pra casa, entende.

C – e a...sua filha trabalha com que?

A – A minha filha trabalha, ela mora em Campo Grande, trabalha com esse negócio de Secretaria do Trabalho. Essas...negócio de Secretaria do Trabalho, mas que tem assim...negócio de emprego...do governo...onde tem uns...setores aí que faz, vai lá pedir emprego, carta né, do governo, na Secretaria de Bem-Estado de Trabalho, né, que ela trabalha, lá em Santa Cruz que ela trabalha.

C – e...você sabe pra que que a sua neta tá fazendo vestibular?

A – ô...ô..Emi...o Carla, ia falar Emília agora, (risos meus) tá vendo [pensando na Emilia também?]. Carla eu não sei ainda não, sabe, o que é que a Evelin tá fazendo, não. Eu sei que ela tá indo nas provas e tá indo bem, sabe. Eu não sei se é comunicação, não sei o que que é, entende? (C – ha-ha). Sinceramente, é uma coisa...eu posso até depois, é, é,...perguntar isso a ela e falar com você. (C – ah, tranquilo...) Se tiver um meio de encaixar, tá?

C – tá, então, é...eu acho que é isso, né...deixa eu só dar uma olhadinha. (uma olhadinha no questionário) Ah, só pra... o seu trabalho tem carteira assinada?

A – Carteira assinada, minha carteira tá assinada desde 64, [...] tem acordos que eu fiz aqui, pra levanta fundo de garantia, a 17 anos atrás, eu levantei num dia, noutro dia, hoje em dia se você sair você só pode voltar depois de três meses, né?, agora nas leis trabalhistas...não naquela época podia. No dia seguinte assinaram minha carteira, eu continuei, a trabalhando, depois me aposentei, tirei meu fundo de garantia, e continuo normal. Tenho minhas carteira, tenho três carteira de trabalho. Que às vezes as pessoas aqui no colégio, tem sempre...todo lugar tem oposição né? num é... guerra nenhuma não, é oposição, eles não acreditam, eu, eu...uma vez eu trouxe as carteiras pra eles verem, aqui. Ah, lá a carteira do Almir, quando Almir era novo, ah lá, assinado lá, 1º de setembro de 64. Tanto é que 1º de setembro agora, de 64, passado...é, é...eu, 2004, eu fiz 40 anos aqui. Eu acho até que...acho que ninguém hoje consegue chegar aqui. Ah, o pessoal lá diz, [...o tio Almir?] prá ver se você chega lá, falei; não, lá num vai chegar não, ninguém chega mais, em lugar nenhum, né? é muito difícil, né, hoje pra uma empresa...? [...] Tá cheio de desempregado aí pelo Brasil, num é Carla? (C – é...). Gente formada aí, você num conhece, aí um monte de gente que fica desempregado? entende...

C – É... então tá tio Almir, só pra terminar, é...você gostaria de falar mais alguma coisa?

A – Não, não...falar o que? Falar, agradecer a você que foi uma honra muito grande (risos) que Carla Medeiros Silva fazendo uma entrevista pra mim. Foi uma garotinha que eu conheci aqui, pequena, pô, é...e Emilia sua irmã também que seguiu, né? Saiu você continuou a Emilia, pô, tua mãe é uma pessoa espetacular, [e tem?] e tem o Lula também que, nem sabia que Lula era pai de Carla Medeiros Silva, tá? (risos meus) nem de Emilia, entende? Era um cara que, num é porque tá na frente, eu disse pra ele uma vez que ele veio aqui que eu gostava de [ouvir?], um...um cara do esporte que eu gosto de ouvir, entendeu? (C – é, é) Como até hoje eu tô na 1440 ouvindo aquele, ele com aquela equipe dele. Eu acho ele um...teu pai é um cara espetacular, como gente, tá? Então, pô, eu me sinto honrado, a tua mãe Mara, né? num é Mara o nome da tua mãe? (C – Isso) Então, a tua mãe é uma pessoa genial [...] é uma pessoa maravilhosa,

carinhosa comigo, entende? É isso que eu tenho que agradecer a você, porque isso é um privilégio poxa, entendeu? Você vai se formar em que, em comunicação? (C – História) Em história, né, uma professora de história, né, pô, onde o Franco tem uma pessoa aqui que é uma celebridade em história que é o Aquino...(C – é...), que é o professor Aquino, de livro, né. É um cara fantástico, né, que eu tenho o privilégio de ser amigo dele há trinta anos, entende, então é isso...que eu tenho a dizer.

C – Tá, então só pra terminar, assim...eu queria só...que você dissesse o que que significa pra você ser trabalhador, assim, como, como é que você...entende isso?

A – Entende, significa que isso é um privilégio que poucas pessoas têm num mundo atual de hoje de desemprego, eu, eu, pô, um cara de origem, humilde; trabalhar num lugar desse, estabelecimento de ensino como o Franco-Brasileiro, né, pô...é um troço que.... é....é honroso pra mim, num tenho nem palavras pra dizer, e 40 anos cara! Eu trabalho 40 anos, tem dias que eu deito e não acredito que eu fiz 40 anos aqui no colégio, eu não pensava atingir isso, eu com 65 anos de idade. Eu não pensava nem, nem atingir o que eu atingi aqui, entendeu? Então, é...pô eu me sinto orgulhoso e eu trabalho aqui no Franco com o coração, entendeu? Uso o coração, tudo, eu sou um cara bem perfe...eu sou igual o Bernardinho do vôlei, entende, num chego a tanto, mas eu gosto das coisas muito certas, às vezes o cara comete um erro, entende, [que eu vim aqui dum?] numa disciplina terrível aqui no colégio que eu peguei, né? Peguei uma diretora aqui que num foi mole, né? Todo mundo [já deve ter ouvido?] a estória, né Carla? (C – risos) Terrível, né? (C – é) entende? Então aquela não admitia nada, nem chupar uma bala na hora do expediente, num tinha que tá, até você mesmo trabalhando tinha que tá de meia, pra você dá exemplo ao aluno pro aluno poder vim de meia, se você tava sem meia...mas eu não, eu sempre seguia, eu sou um cara assim: Manda quem pode e obedece que tem juízo, eu acho que os meus direitos terminam quando começam os dos outros, entende? então...[sinto?] trabalhou orgulhoso, sabe. Aí eu vejo o Lula aí, pode ter as suas restrições né? muitas coisas a gente se decepçiona, eu votei nele, né; mas eu vejo de exemplo, no dia que ele assumiu aquele negócio, num tinha diploma, eu passei aquilo tudo pra mim. Pô, trabalhar aqui no Franco cara!, um cara que num é doutor, o cara num tem segundo grau, [...?] e falo com pessoas importante, vem aqui gente [...?] mostrar o colégio aqui...eu me sinto assim...sabe, Carla? E trabalhei a vida toda com jornalista, melhor coisa do mundo sabe? Só trabalhei com jornalista. Esse tal de “Capitão Asa”, o Wilson Viana foi meu chefe,[..?] é...uma moça que é economista do jornal, escreve no Globo, tal de [Noriko...?] uma japonesa, também é, minha, minha chefe, assessora de comunicação social, entende? Monte de gente, eu só trabalhei com pessoal de imprensa.

C – e esse trabalho na imprensa, como é que você...você falou com 16 anos se começou?

A – Comecei a trabalhar com 16. Então fui até 98, 98...até (C – muito tempo também.) é muito tempo, eu trabalhei 42 anos, 42 anos, de [stafetta?], tá. Agora, eu errei que eu podia ter estudado, né, mas a sobrevivência, trabalhando de manhã, de tarde e de noite, né...entendeu? eu sei lá, mas o pessoal diz: Pô Almir, o meu chefe [Elsu Rocha...?] diz: Almir “você não estudou, mas você tem mais capacidade que muita gente que estudou aí, que não sabe nem falar, você entra em qualquer lugar aí e já [entra/tenta?] falar com todo mundo”, entende. Eu aprendo, eu trabalho com aquelas autoridades aí, importantes, [...?] dono de, de, chefe de, de troço, entendeu? Um monte de gente aí, deputados federais, eu trabalhava sempre na recepção, com eles; era eu

que atendia, era o mestre de cerimônias, era eu, entendeu? Então é isso. Eu me sinto orgulhoso, sabe. (C – então tá tio Almir) Se eu tivesse que começar, eu queria começar de novo com Carla ao meu lado, a Emilia, né. (C – risos). Esse pessoal todo. [...?] Um beijo pra você com isso né, que você seja bem feliz nessa...nessa sua história, né. Eu já tenho a minha história, já faço parte da história, e com certeza no dia [...?] contá uma história aqui, você tá embutida, né? Você também faz parte da minha história, né? Você e Emilia, né, e sua família toda. É isso aí.

C – Ah, que bom...

A – Beijão pra todos.

Resumo da entrevista

A entrevista foi curta, tendo durado cerca de 30 minutos. No primeiro e único lado, o entrevistado começou falando sobre a profissão dos seus pais e irmãos, não tendo se alongado muito nas lembranças. Quando perguntado sobre suas lembranças do tempo de colégio, já cortou logo dizendo que tinha começado a trabalhar enquanto estudava e entrou no tema mais específico da entrevista: o trabalho. Eu deixei então que ele falasse sobre o primeiro trabalho, como 'office boy' na área de imprensa (assessoria de comunicação) da Secretaria de Agricultura do Estado. Ele falou um pouco sobre como era o trabalho e enfatizou os nomes e sobrenomes de chefes com os quais tinha trabalhado. Trabalhou neste emprego de 1955 à 1998, tendo se aposentado em 1992.

Em seguida falou sobre o seu trabalho como inspetor de aluno no colégio Franco-Brasileiro, onde começou no ano de 1964, porque ia se casar no ano seguinte e precisava aumentar a renda. Enfatizou que apesar de nunca ter trabalhado com crianças, aos poucos ele foi se dando bem no trabalho. O ofício do inspetor era temido, pois associado à figura de alguém que vigia e pune os alunos. No entanto, Almir enfatizou que, logo de início, procurou dialogar com as crianças, conversar com elas; e isso foi uma postura positiva. Está no colégio até hoje, tendo se aposentado em 1995. Apontou que continua trabalhando porque as aposentadorias têm um valor irrisório.

Almir falou sobre o trabalho como inspetor de alunos em outros dois colégios, no turno da noite. Durante um certo tempo da vida, portanto, trabalhou das 7h da manhã às 23h. Nos colégios em que trabalhou à noite diz que fez outros tipos de amizade, pois os alunos eram adultos, em grande parte.

Ele disse que errou por não ter estudado, mas a sobrevivência se impôs, e portanto teve que trabalhar e largar os estudos. Enfatizou, no entanto, que no trabalho aprendeu muitas coisas, principalmente a falar o português “corretamente” quando trabalhou com jornalistas.

O entrevistado falou também um pouco sobre a família; a mulher e as netas. No final da entrevista agradeceu muito, e disse que era uma honra estar dando aquela entrevista. Como nós já nos conhecíamos, ele ficou falando um pouco sobre minha família, principalmente sobre meu pai.

Terminou a entrevista desejando ‘Boa sorte’ na minha “história”, que ele, afinal, já tinha a dele.